



DOIS MISSIVISTAS MINEIROS: MÁRIO MATOS E GILBERTO DE ALENCAR[√]

Barbara Barros Gonçalves Pereira NOLASCO*
Moema Rodrigues Brandão MENDES**

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão inicial sobre a importância da correspondência enquanto fonte de pesquisa literária. Dois missivistas mineiros, Mário Matos e Gilberto de Alencar, formadores e definidores de opinião, trocaram correspondência: foram 13 cartas entre 1945 e 1957. Este material epistolográfico encontra-se sob a custódia do Museu de Arte Murilo Mendes – MAMM, administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais, depositada no fundo arquivístico de Gilberto de Alencar. A pesquisa, em sua totalidade, está em andamento e busca entender esta correspondência como fonte de informações sobre os rumos da literatura no referido contexto. A partir da complementação investigativa empreendida em revistas, jornais e periódicos em geral da época em que viveram Matos e Alencar, espera-se, junto ao conteúdo das referidas missivas, que possamos colaborar para a compreensão e identificação do contexto histórico e literário nos quais estavam envolvidos os signatários. Para o desenvolvimento de parte desta pesquisa, fez-se necessária a visita em fontes secundárias sobre correspondência, processo de criação, arquivos pessoais e biobibliografia de Mário Matos e de Gilberto de Alencar.

Palavras-chave: Mário Matos. Gilberto de Alencar. Epistolografia como fonte de pesquisa literária. Crítica genética.

[√] Artigo recebido em 01 de março de 2016 e aprovado em 15 de junho de 2016.

* Mestranda em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <barbarabarrosnolasco@gmail.com>.

** Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenadora do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <moemamendes@pucminas.cesjf.br>.

1 INTRODUÇÃO

[Os estudos da crítica genética pretendem] [...] contribuir para a melhor compreensão do lugar e das potencialidades da epistolografia brasileira nos atuais estudos literários.

Marcos Antonio de Moraes

O presente artigo tem como principal objetivo uma reflexão inicial sobre a importância da correspondência, enquanto fonte de pesquisa literária, a partir de um lote de cartas emitidas pelo literato Mário Gonçalves de Matos ao jornalista e também literato Gilberto de Alencar, no período de 1945 a 1957.

Esta proposta é uma ação do projeto de pesquisa intitulado **O resgate das escrituras**: da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para a composição de um *dossiê* genético-crítico devidamente registrado no CNPq e sediado pelo Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF.

A pesquisa em sua integralidade visa à elaboração de uma edição anotada da correspondência a partir da transcrição e do estudo das 13 cartas contidas no referido lote. Tais missivas encontram-se sob a guarda do Museu de Arte Murilo Mendes, MAMM, administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF.

O objetivo desta reflexão é elaborar uma edição de fontes da referida correspondência, criando notas explicativas que possam elucidar lacunas de interesse da pesquisa literária.

Como critério básico, foi realizada a transcrição das missivas e a metodologia aplicada é exploratória, bibliográfica e documental, com consultas em fontes primárias e secundárias que se fizerem necessárias para a elaboração das notas informativas.

2 MÁRIO MATOS: INTELECTUAL LÚCIDO E CÉTICO

De acordo com o Dicionário histórico-biográfico da Primeira República, integrado no *site* da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC, FGV), Mário Gonçalves de Matos nasceu

na cidade mineira Santana do Rio São João Acima no dia 28 de setembro de 1891. De acordo com as investigações realizadas pelas pesquisadoras, há mais de uma data registrada para o nascimento de Mário Matos. Constância Lima Duarte (2010) também registra:

Mário Gonçalves de Matos nasceu em Santana do Rio São João Acima (atual Itaúna), em 28 de setembro de 1891, e faleceu em Belo Horizonte, em 28 de dezembro de 1966. Estudou em Dolores do Indaiá, em Belo Horizonte e em Juiz de Fora, bacharelando-se pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, em 1920 (DUARTE, 2010, p. 276).

O jornal **Correio da Manhã** datado de 29 de dezembro de 1966 poderia ser apenas mais um dia da edição, mas certamente o que fora noticiado nesta quinta-feira marcou para sempre a história de uma família, de amigos, da literatura como um todo e de toda a Academia Mineira de Letras: o primeiro sucessor da cadeira de número 16 (cujo fundador fora Diogo Vasconcellos), Mário Gonçalves de Matos, falecera em Belo Horizonte, aos 78 anos, na madrugada do dia anterior. Esta informação nos permitiu interpretar que o referido escritor falecera aos 78 anos em 1966, portanto seu ano de nascimento seria 1888, diferindo do registro anterior.

Quanto ao seu percurso acadêmico, Matos estudou nas cidades mineiras Dolores do Indaiá, Belo Horizonte e Juiz de Fora. cursou Direito, atuou como jornalista e foi redator-chefe da **Revista ABC**¹.

Exerceu os cargos de vereador, vice-presidente da Câmara Municipal e deputado estadual, cumprindo mandato até 1926, tornando-se, logo após, membro da Comissão de Finanças. Também foi eleito deputado federal e tomou posse na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, tendo, contudo, este mandato interrompido pelas reviravoltas políticas que levaram Getúlio Vargas ao poder e extinguiram todos os órgãos legislativos do Brasil.

Atuou, além de outros cargos, como advogado, como diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais, como ministro do Tribunal de Contas mineiro. Ainda assumiu a

¹ Ainda não foram localizadas pelas pesquisadoras informações mais detalhadas sobre a **Revista ABC**.

Secretaria do Interior e de Justiça e foi desembargador e vice-presidente do Tribunal de Apelação, ambos os cargos em Minas Gerais.

Foi, também, diretor e professor, além de ter sido nomeado diretor-redator-chefe da Revista **Alterosa**, em Belo Horizonte. Presidiu a Associação de Cultura Franco-Brasileira e a Academia Mineira de Letras e foi diretor da Associação Mineira de Imprensa.

Matos possui um vasto número de publicações, entre as quais destacam-se: **Discursos** (1927), **Último canto da tarde** (1938), **Machado de Assis: o homem e a obra** (1936) e **O homem persegue o autor** (1945).

Em paralelo à sua vida política e jurídica, Mário Matos exercia bastante influência no meio literário, escrevendo várias obras de renome e inúmeras publicações reconhecidas. Uma delas é o livro em que Matos mostra todo seu conhecimento sobre Machado de Assis (inclusive, por meio desta obra, fica conhecido como biógrafo do referido autor).

Foi casado com Elisa de Moura Matos e, posteriormente, após a viuvez, casou-se com Hermelinda de Almeida Matos. Mário Gonçalves de Matos faleceu em Belo Horizonte em 28 de dezembro de 1966.

3 GILBERTO DE ALENCAR: MINEIRISMO URBANO

Segundo o *site* do Museu de Arte Murilo Mendes, Gilberto de Alencar nasceu em João Gomes, Minas Gerais, em 1886. Morou em Juiz de Fora, onde exerceu o jornalismo e a direção da Secretaria de Educação. Foi, também, membro da Academia Mineira de Letras e um dos importantes escritores mineiros da época, falecendo em 1961.

Segundo a pesquisadora Moema Rodrigues Brandão Mendes (MENDES, 2012), durante a infância, Alencar esteve ao lado do pai e, ainda jovem, começou a trabalhar, não tendo terminado seus estudos (embora fosse autodidata). Casou-se com D. Sofia Áurea do Espírito Santo, com quem teve 5 filhos.

Foi um dos membros fundadores da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira de número 21, cujo patrono fora Fernando de Alencar, seu pai.

Segundo Barbosa *et al* (2009), Gilberto de Alencar tornou-se membro da Academia Mineira de Letras (AML), empossado em 03 de maio de 1911, às 19h30min, na Câmara Municipal de Juiz de Fora, cidade-sede-fundadora da Academia nesta época.

A recepção deu-se com o discurso do acadêmico Belmiro Belarmino de Barros Braga (1872-1937), também membro do Instituto Histórico de Ouro Preto (IHOP) e do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora (IHGJF).

Cronista, contista e romancista, Alencar colaborou com diversos jornais, sendo alguns deles **A Pátria**, **Correio de Minas**, **Diário Mercantil** (Juiz de Fora/MG), **O Pharol** (Juiz de Fora/MG), tendo sido diretor e redator deste último.

Entre as demais colaborações, escreveu, também, conforme o signatário em questão, para a Revista **Alterosa**, a qual é bastante mencionada nas epístolas trocadas com Mário Matos.

Gilberto de Alencar faleceu no dia 4 de fevereiro de 1961, após oito meses de enfermidade.

4 A CRÍTICA GENÉTICA E SEU VIÉS EPISTOLOGRÁFICO

A carta morreu, vamos publicar as que
existem...

Walnice Nogueira Galvão.

A teoria que alicerça esta reflexão é a epistolográfica, enquanto um viés da Crítica genética, que investiga o processo de criação artística:

a Crítica Genética surgiu com o desejo de melhor compreender o processo de criação artística, a partir dos registros desse seu percurso deixados pelo artista. O propósito e o objeto de estudos da Crítica genética [...] é o ato criador que sempre exerceu e exercerá um certo fascínio sobre os receptores das obras e sobre os próprios criadores (SALLES, 2008, p. 20-21).

Muitos comentários registrados nas missivas se referem ao fazer literário, fato que permite ao investigador pensar a correspondência como um documento de processo, ou seja, o documento que contém discussões em torno do ato criador. “A

Crítica Genética analisa os documentos dos processos criativos para compreender, no próprio movimento da criação, os procedimentos de produção, e, assim, entender o processo que presidiu o desenvolvimento da obra" (SALLES, 2008, p. 28).

Em carta datada de 19 de junho de 1945, Mário Matos escreve a Gilberto de Alencar as seguintes linhas:

Quanto a sua novela, ao contrário do que você pensa, está excelente, é considerada por nós como sendo a melhor que recebemos. Fiquei contente com isto, porque havia assegurado ao Miranda que o seu estilo se prestava de modo evidente para romance. Quem vai ilustrar seu trabalho é o Rodolfo. Tecemos aqui o critério de destacar o desenhista de acordo com a natureza do trabalho, e o Rodolfo se nota pela finura, personalidade e maneira original na interpretação dos textos. É minha opinião que Você deve dedicar-se á novela e ao romance por causa de seus dons inegáveis para o gênero (MATOS, 1945).

Portanto,

Enquanto "ato", no campo semântico da representação teatral, a carta coloca "personagens" em "cena". O remetente assume "papéis", ajusta "máscaras" em seu rosto, reinventando-se diante de seus destinatários, com objetivos afetivos ou práticos definidos. Sob o signo da encenação, a verdade expressa na carta – a do sujeito em determinada instância premido por intenções e desejos – é sempre pontual e cambiante. [...] a carta pode testemunhar a "dinâmica" de um determinado movimento artístico. Formas de sedução intelectual, nas linhas e entrelinhas da carta figuram, assim, como "ações" nos bastidores da vida artística (MORAES, 2008).

De acordo com a pesquisadora Matildes Demétrio dos Santos, "a carta constitui uma forma historicamente reconhecida de comunicação, com regras e exigências capazes de distingui-la de outros gêneros" (SANTOS, 1998, p. 27). Acrescenta, ainda, informações a respeito dos primeiros manuais epistolográficos:

Data da antiguidade um dos primeiros manuais epistolográficos do mundo ocidental, contendo preceitos indispensáveis ao conhecimento da arte de escrever cartas. Demetrius, seu autor, aconselhava que a sinceridade, a coerência e a clareza deviam ser observadas de tal forma que do conjunto ressaltasse uma impressão agradável e singularizante (SANTOS, 1998, p. 27).

Segundo a pesquisadora (1998), foi no século XVII que a epístola adquiriu caráter noticioso, em que amigos, conhecidos e parentes trocavam visões e informações do mundo que os cercava.

Para Santos (1998), a correspondência “(...) impõe-se como um discurso sem máscaras” (p. 21):

A carta é subscrita na primeira pessoa, a autoria é reafirmada pela assinatura, o signatário aparece descoberto, revelando-se sem reticências, dirigindo-se a um ser eleito de sua confiança, amor ou amizade. É o diálogo do próprio autor, animado por satisfações ou preso a inquietações que lhe perpassam o espírito a cada hora e minuto. Outras vezes, são entusiasmos, confissões, sonhos, projetos, anedotas, encruzilhadas, inclinações, teorias, discussões, amores... É o percurso de uma caminhada, jornal de uma vida, manifestação de um indivíduo face a outro, reflexo de um eu que se quer presença imediata e quase física. Como um texto mágico, vence a distância, reaproxima, traz marcas e traços do ausente (SANTOS, 1998, p. 21-22).

Nesse sentido, Santos (1998) observa que “no vaivém das cartas existe o desejo prazeroso da conversa íntima (...) e a vontade imperiosa de visualizar e materializar a pessoa amada. A carta é objeto de fetiche, que tem o poder de eliminar a distância, ligando o ausente à pessoa que escreve”. Nela, “o remetente mergulha na própria individualidade, dialogando com o outro, buscando nele o entendimento e a confiança absolutos” (SANTOS, 1988, p. 42).

Assim sendo, as cartas que Mário Matos enviou a “seu amigo”, maneira como ele próprio se refere a Gilberto de Alencar, revelam um grau de amizade intenso, em que Matos aborda, entre outros temas, o envelhecimento e a vontade (e angústia) de retornar ao seu antigo mundo. Há passagens bastante nostálgicas, como no momento em que, ao ler o livro do amigo, relembra memórias antigas:

Gostei muito do seu livro. Ele me evocou a Dores de nosso tempo. De página a página, no curso da leitura, eu parava e voava, na asa da memória, a Usina. Eu vi de novo as árvores enfloradas e os passarinhos brincando em suas copas. Lembrei-me dos dias de chuva, de pescaria, de caçada. Revi nossos passeios pela cidade, nossas conversas, nossos temores. Nunca mais voltei lá. Sabe por quê? Para não sentir um dos mais angustiados sentimentos da terra, o exílio na cidade em que nascemos ou vivemos. O panorama humano e natural, pelas informações que tenho tido, transmutou-se. É outro. Mas em mim, o menino ainda existe, o mōço ainda existe. (...) Como o nosso Belmiro Braga, não tolero as moças do meu tempo (MATOS, 1954).

Contudo, para este artigo, as informações de maior importância são as que possuem fragmentos em que o contexto literário é mencionado ou que se encontram

implícitas. Para tal, como a pesquisa está em desenvolvimento, o que se pretende fazer aqui é exemplificar de acordo com alguns elementos o que já se identificou até o presente momento.

Assim sendo, há inserções nas missivas em que se mostra evidente a necessidade de esclarecimento, como no fragmento em que Matos cita alguns nomes com pouca ou quase nenhuma informação a respeito, exigindo que notas os explicitem: “(...) Fiquei satisfeito com a opinião do Afonso Pena a respeito do seu livro e da promessa que lhe fez, de conseguir a sua reedição no José Olímpio. Muito justo.” (MATOS, 1955).

Com relação às informações, as pesquisadoras localizaram as seguintes:

Afonso Pena, quarto ocupante, na Academia Mineira de Letras, da Cadeira 7, eleito em 22 de maio de 1947, na sucessão de Afrânio Peixoto e recebido em 14 de agosto de 1948 pelo Acadêmico Alceu Amoroso Lima. Afonso Pena Júnior, filho do ex-presidente Afonso Pena, foi advogado, professor, político e ensaísta, nascido na cidade mineira Santa Bárbara em 25 de dezembro de 1879, tendo falecido na cidade do Rio de Janeiro em 12 de abril de 1968.²

É possível dizer, de acordo com o conteúdo de missivas anteriores a essa data, que se trata do livro **Memórias sem Malícia de Gudesteu Rodovalho**. A opinião de Afonso Pena sobre tal livro, contudo, não foi ainda localizada pelas pesquisadoras, encontrando-se em fase de investigação.

Estabelecida no mercado desde 1931, a editora José Olympio é um dos pilares da cultura brasileira. Atravessou várias fases e boa parte da história editorial brasileira. Pelas mãos de seus colaboradores, muitos originais saíram do prelo para a posteridade, como o eterno **Fogo morto**, de José Lins do Rego. Integrando o Grupo Record desde 2001, a José Olympio restaura, com frescor e dinamismo, seu patrimônio editorial.³

² Disponível em: < <http://www.academia.org.br/academicos/afonso-pena-junior/biografia> > Acesso em 4 de agosto de 2015.

³ Disponível em: < http://www.record.com.br/grupoeditorial_editora.asp?id_editora=3 > Acesso em 24 de março de 2016).

Outro fragmento da mesma carta merece destaque, visto que aborda tanto a amizade entre os signatários quanto a literatura, que é o que nos interessa neste estudo: “Leio-o sempre na Alterosa, na última página que, sem favor, é a primeira da revista. Seu estilo está cada vez mais límpido e conceituoso. Creio que a velhice é benéfica aos homens de letras porque lhes dá a sabedoria nascida da experiência.” (MATOS, 1955).

O periódico citado acima e destacado em grifo pelo autor trata-se da Revista **Alterosa**, criada em 1939 e fechada em 1964. As revistas eram editadas mensalmente pela Sociedade Editora Alterosa Ltda. Ilustradas e literárias, traziam notícias sobre acontecimentos diversos em todo o Estado de Minas Gerais. Suas sessões compõem-se de contos, novela, humor, moda e beleza. Tinha, como coordenador geral, Alberto Machado Ferreira; os coordenadores das fases eram Geraldo Faustino de Oliveira, Ana Maria Leão e Silva; como técnicos responsáveis, têm-se os nomes de Rafael Alves Machado, Wânia Lúcia Resende Pereira; os estagiários, Juliana Machado Massimo, Adair Martins Corrêa Júnior. Já o revisor era Adalson de Oliveira Nascimento.⁴

Assim como nestes, em outros fragmentos da mesma carta – e das outras 12 em análise para compor o *dossiê* epistolográfico nesta pesquisa –, há passagens que carecem de esclarecimentos. Por esta razão, está sendo realizada uma investigação pormenorizada a fim de que mais lacunas de cunho literário possam ser preenchidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do estudo da epistolografia é possível compreender, de forma mais abrangente, quem foram, de fato, os signatários Mário Gonçalves de Matos e Gilberto de Alencar como correspondentes e, principalmente, como importantes literatos.

O breve comentário sobre os fragmentos de duas cartas registradas neste artigo nos permite perceber que há, entre os dois, além da grande amizade, um companheirismo mútuo, uma vez que Mário Matos auxilia Gilberto de Alencar ao

⁴ Disponível em: < <http://www.acervoarquivopublico.pbh.gov.br/acervo.php?cid=490> > Acesso em 4 de agosto de 2015.

elaborar comentários críticos, sugerindo ideias e dando conselhos sobre suas produções, e Alencar, por sua vez, retribui, publicando na Revista **Alterosa**, na qual Mário Matos foi redator-chefe. É por meio de investigações acerca de fragmentos como estes que podemos observar que os conteúdos epistolográficos têm auxiliado de maneira significativa no contexto literário em desenvolvimento.

É por meio da análise destes que se pretende compreender com maior abrangência o contexto cultural no qual os missivistas estavam inseridos, bem como verificar e assimilar certos assuntos e fatos comentados entre eles, de modo que sejam resgatadas as memórias dessas personalidades que tanto agregaram reconhecimento para a literatura de nosso país.

Por fim, procurar-se-á preencher lacunas literárias com informações que, porventura, possam ser encontradas nos acervos e nos documentos pesquisados.

TWO LETTER WRITERS MINEIROS: MARIO MATOS AND GILBERTO DE ALENCAR

ABSTRACT

This article aims at an initial reflection on the importance of the correspondence as a source of literary research. Two letter writers “mineiros”, Mario Matos and Gilberto de Alencar, educators and definers of opinion, exchanged correspondence: 13 letters between 1945 and 1957. This epistolographic material is in the custody of Murilo Mendes Art Museum – MAMM, administered by the Federal University of Juiz de Fora (UFJF), state of Minas Gerais and deposited in archival fund Gilberto de Alencar. The research, in its entirety, is in progress and seeks to understand this correspondence as a source of literature information in the context it was historically situated. Through an investigative complementation generally undertaken in magazines, newspapers and periodicals, from the time in which Matos and Alencar lived, hopefully, by the content of those letters, we can contribute to the understanding and identification of the historical and literary context in which the signatories were involved. For the development of this research, it was necessary to look up secondary sources on correspondence creation process, personal files and Bio-bibliography of Mario Matos and Gilberto de Alencar.

Keywords: Mário Matos. Gilberto de Alencar. Epistolography as a source of literary research. Genetic criticism.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Leila Maria Fonseca. RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (Orgs.). **Machado Sobrinho**: notícias da imprensa sobre a Academia Mineira de Letras. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009. 237 p.
- DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário bibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Dicionário da Elite Republicana (1889-1930), verbete: MATOS, Mário Gonçalves de. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/5>>. Acesso em 30 mar 2016.
- MUSEU DE ARTE MURILO MENDES. MAMM. **Acervos adquiridos**. Disponível em: <<http://www.museudeartemurilomendes.com.br/gilbertoalencar.html>>. Acesso em: 24 mar. 2016.
- MÁRIO MATOS SEPULTADO EM MINAS GERAIS. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 2º caderno, p. 10, 29 dez. 1966.
- MATOS, M. [carta] 21 mar. 1954, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 4f.
- MATOS, M. [carta] 19 jun. 1945, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 2f.
- MATOS, M. [carta] 19 dez. 1955, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.
- MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). **Teresa**, revista de literatura brasileira. São Paulo: EDUSP, n. 8/9, 2008.
- MENDES, Moema Rodrigues Brandão. Dois escritores mineiros: Cosette de Alencar e Gilberto de Alencar In: OLIVA, Osmar Perreira. (org.). **Minas e o modernismo**. Montes Claros: Unimontes, 2012, p. 161-172.
- SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol**. A correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: Annablume, 1998.
- SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética**: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3ª ed. São Paulo: EDUC, 2008.